

humanitas



**Vol. LXIII
2011**

Jubilação do Doutor José Ribeiro Ferreira

Por iniciativa da Área de Estudos Clássicos do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, realizou-se no dia 06 de Julho de 2011 a cerimónia formal de jubilação do Doutor José Ribeiro Ferreira.

A iniciativa constou de dois momentos, a última lição e o jantar de convívio.

A última lição foi pronunciada no Anfiteatro II, onde, em número superior a duas centenas, acorreram autoridades académicas, colegas de Coimbra e de várias outras Universidades, representantes de muitos organismos, amigos e familiares, bem como funcionários e estudantes das sucessivas gerações de quem foi, e continua a ser, um Mestre. Todos eles quiseram manifestar a admiração intelectual, o apreço e a estima, por um Professor que é uma referência científica dos nossos *Athenaea*.

Sob a orientação da Doutora Maria de Fátima Silva, a cerimónia foi presidida pelo Diretor da Faculdade, em representação do Magnífico Reitor, e nela a Diretora do Departamento, Doutora Rita Marnoto, fez o elogio do homenageado, num elegante discurso que se transcreve:

É motivo de grande orgulho, para o Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e para o seu, a continuidade de uma escola de mestres proeminentes de Estudos Clássicos, como a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, o Doutor Américo da Costa Ramalho, o Doutor Walter de Medeiros, o Doutor Carlos Alberto Louro da Fonseca, o Doutor Manuel de Oliveira Pulquério, o Doutor José Geraldes Freire ou o Doutor Sebastião Pinho, para além dos actuais Professores em exercício. O Doutor José Ribeiro Ferreira é, pois, um dos grandes elos dessa cadeia que, para além do mais, se prolonga pelos seus muitos discípulos.

São inúmeros os campos de trabalho a que se tem vindo a dedicar: os Poemas Homéricos, a poesia arcaica, a historiografia e o teatro, tendo traduzido o Filoctetes de Sófocles, bem como Andrómaca, Helena e as Suplicantes de Eurípides; a poesia helenística; história, teoria política, democracia e federalismo gregos; arte grega; mitologia greco-romana; literatura latina, com relevo para Catulo; influência de Grécia e de Roma na Revolução Francesa; recepção da cultura e da literatura clássicas na cultura e na literatura portuguesas, com estudos que são intensos feixes de

luz projectados sobre o teatro do século XVIII e sobre a poesia contemporânea.

Desenvolveu uma actividade científico-pedagógica plurifacetada, que se desdobra entre o ensino, a investigação e a organização cultural, sempre colocando o alto sentido institucional ao serviço do aprofundamento e da transmissão de um saber que é valor formativo. Foi Director, durante largos anos, do Instituto de Estudos Clássicos, e dirigiu a revista Humanitas entre 1995 e 2003. O seu renome é bem ilustrado pela lista de academias e de associações, portuguesas e estrangeiras, a que pertence. Além de investigador, desde 1971, do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, é também distinto membro da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, da Sociedad Española de Estudios Clásicos, da Hellenic Society ou da Sociedade Portuguesa de Plutarco, entre outras instituições. Colabora regularmente com as Universidades de Lisboa e do Porto, com a Universidade Católica, com a Universidade Aberta e com tantas Universidades estrangeiras, no Brasil, em França ou na Itália. Como curador, distinguiu-se pelos trabalhos realizados na Fundação Calouste Gulbenkian, no Museu Nacional de Arqueologia e no Museu Machado de Castro.

Poder-nos-íamos perguntar quantos estudantes e quantas gerações foram passando pelas suas mãos, desde que, a 1 de Outubro de 1970, foi contratado como monitor da Faculdade de Letras. Quatro meses depois, passou a assistente de Filologia Clássica, até que, sob a orientação da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, apresentou, em Janeiro de 1971, a sua tese de Licenciatura, Eurípides: Andrómaca (introdução, tradução e notas), logo seguida pela dissertação de doutoramento, Hélade e Helenos. Génese e evolução de um conceito. Poder-nos-íamos perguntar quantas vigílias não fez para organizar e acompanhar a actividade do Thiasos e os seus Festivais, em digressões que dão a conhecer o teatro antigo em Portugal e no estrangeiro. Desta feita, num percurso académico repleto de iniciativas de excepção, é surpreendente a diversidade de públicos a que se dirige, numa atitude de abertura pedagógica constantemente empenhada em ensinar e dar a conhecer os autores a horizontes sempre mais vastos.

O percurso intelectual do Doutor José Ribeiro Ferreira é um ato de entrega e dedicação, em que estudo, humanidade e fé confluem nos ideais da virtus e da sapientia. Nascido numa freguesia do concelho de Santo Tirso, no lugar de Tarrio, aí fez a instrução primária. Também foi trabalhador numa fábrica de tecidos. Também partilhou a espiritualidade

do Mosteiro beneditino de Singeverga. Também passou pelas picadas angolanas, até fazer o Liceu em Luanda.

Num livro dedicado a um funcionário da Faculdade de Letras, o Senhor Duarte, colocou uma epígrafe de Arquíloco que bem poderia ser assimilada ao credo de uma vida: “Goza as alegrias e afronta as desgraças sem exagero. Conhece a lei que governa os homens.”

Todos nós que, neste momento, sentimos o Anfiteatro II da Faculdade de Letras um espaço demasiado pequeno para conter a nossa ovação, sabemos como valores universitários, empatia humana e generosidade são incindíveis — para aquele que escreveu, no poema intitulado Amizade (Olhos no presente, p. 17):

“Nos passos adustos da vida,
Um dossel de rosas
O brilho dos olhos jubila:
Asas da amizade nas ondas da brisa”.

* * *

De seguida, o homenageado pronunciou a sua última lição, subordinada ao título “*A habilidade ou conhecimento técnico e o poder degradam, o sofrimento redime: Édipo*”.

Começou o ilustre Doutor José Ribeiro Ferreira por observar que a sociedade, em especial a de hoje, procura evitar o sofrimento a todo o custo, passar a vida sem amarguras, conseguir as coisas sem esforço, da forma mais fácil, quando afinal se verifica que um momento de alegria ou de felicidade muitos suores e penas, de modo geral, implica e associa. Referiu que mesmo o mito grego e romano – tantas vezes considerado fútil e irresponsável – valoriza o sofrimento como fonte de conhecimento e aprendizagem, meio de salvação. Trata-se de uma reflexão que de momento ocupa a mente do palestrante e há-de enformar um livro que tem em mãos.

De entre os muitos exemplos que poderiam ser tratados, relacionados com o sofrimento no mito – e sofrimento como meio de aprendizagem e de salvação –, escolheu falar do decifrador de enigmas, Édipo, o rei todo poderoso que, ao confiar na sua sabedoria e no seu poder, apenas espalha e causa destruição, morte, sofrimento. E mostrou – com base nas fontes escritas, em especial as tragédias de Sófocles *Rei Édipo* e *Édipo em Colono*

– que, apesar de toda essa sua exaltada sabedoria, nada consegue ver do que se passa.

E procurou concluir que Édipo, mais do que pessoa imbuída do complexo que com o seu nome Freud apelidou, será antes símbolo do que, por circunstâncias imponderáveis da vida ou do destino, incorre em atos detestáveis e em crimes, que procurou evitar a todo o custo, ou deles se vê fautor, sem o saber; mas, à mínima suspeita do que acontecera, procura a verdade sem desfalecimento e a aceita nas suas consequências, por mais dolorosas e terríveis que elas sejam. Símbolo do homem que sofre atrocemente, embora se não considere conscientemente culpado, autopun-se, mordido por remorsos; enfrenta o exílio, a marginalização e rejeição social, evitado por todos, mal ouviam o seu nome. E, com esse penar longo e diário, toma conhecimento de si mesmo, de certo modo se redime e se eleva.

E então, após ficar cego e ser expulso, andar errante e muito sofrer; depois de, por longos anos se ver postergado, detestado, evitado por todos, é que acaba por se salvar, tornar-se um herói e guiar os outros.

* * *

O fecho da última lição coube, naturalmente, ao Diretor da Faculdade, Doutor Carlos André, cujo discurso ao mesmo tempo oficial e pessoal, de alto recorte literário, se transcreve no essencial:

Cumpra hoje o ritual da sua última aula o Doutor José Ribeiro Ferreira. Momento singular este, na vida de um universitário, aquele em que, por força do gume inexorável do tempo e das leis, deixa de ter como atividade regular, no seu quotidiano, aquela que foi, por opção assumida, o centro da sua vida durante décadas – o magistério.

Não passa, é certo, de um ritual. Esta não é a última aula do Doutor José Ribeiro Ferreira. Um professor é professor sempre e tem a sua aula em cada ato seu de cada dia que vive. E este continuará entre nós, seguramente, na casa que é sua, por certo não a lecionar planos curriculares, mas sempre a partilhar experiências, conhecimentos, estudos, reflexões.

Serviu o Doutor Ribeiro Ferreira durante décadas a Faculdade de Letras e a Universidade de Coimbra. E serviu-as com dedicação, com inquestionável empenho, com amor a esta causa nobre que é o magistério, com um nunca disfarçado apego às suas aulas e aos seus alunos, com uma

entrega sem reservas à profissão que escolheu e, acima de tudo, com um iniludível gosto por aquilo que fazia.

Se uma nota pessoal me é permitida, conheci-o há mais de trinta anos, quando pela primeira vez me sentei nos bancos da Faculdade de Letras. Era, então, responsável pelas práticas de História da Cultura Clássica, cuja regência e responsabilidade máxima cabiam a essa figura de topo da nossa galeria de Mestres que é a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, cuja presença neste ato eu saúdo. Para quem pela vez primeira contactava com a Universidade, a matéria não era simples. Logo ali se manifestaram duas das grandes qualidades do homenageado de hoje: a afabilidade e a capacidade de simplificação.

A afabilidade, desde logo: o modo como acolhia os estudantes, a capacidade inata de com eles manter um diálogo permanente, a solicitude com que os tratava, como se um deles fosse, marcaram, ao longo destas décadas, o seu estilo, se a palavra me é consentida. Prova disso, se de prova precisássemos, é este grande anfiteatro repleto de gente; colegas, muitos, mas, sobretudo, antigos estudantes. Em quantos passaram pelas suas aulas deixou quase sempre um admirador, quando não, mesmo, um amigo. Nas aulas, nos corredores, no então Instituto de Estudos Clássicos, a sua afabilidade foi sempre um traço distinto e distintivo.

E, depois, a capacidade de simplificação. Como disse, para quem acabava de chegar ao ensino universitário, nem sempre era fácil lidar com conceitos, com métodos, com exigências. Tudo isso ele simplificava; traduzia em palavras de todos os dias aquilo que parecia complexo, atenuava a densidade dos conceitos, aligeirava, sem as subverter, as aparentes exigências.

Não pode, além disso, o Diretor da Faculdade de Letras silenciar a dívida que esta tem para com o Doutor Ribeiro Ferreira. Porque ele a serviu, com total dedicação e sem reservas. Não apenas na docência, mas em múltiplas tarefas que a Faculdade, os seus órgãos ou os seus colegas entenderam por bem confiar-lhe. Foi Presidente do Conselho Pedagógico. Foi membro do Conselho Diretivo. Foi Diretor do Instituto de Estudos Clássicos. Foi Diretor da Biblioteca da Faculdade, para citar apenas alguns dos mais importantes cargos que exerceu. Quando instado a assumir qualquer responsabilidade, a palavra “não” parecia não fazer parte do seu vocabulário.

Em nome da Faculdade de Letras, agradeço-lhe todas estas décadas de dedicação à nobre causa de ensinar e à Faculdade onde a cultivou.

* *
* *

O segundo momento da homenagem, realizado no Hotel D. Luís, constou de um jantar de convívio no qual se apresentaram 168 participantes, onde cabe destacar a presença do Magnífico Reitor e da sua esposa. No final do convívio, em nome dos presentes, a Doutora Maria do Céu Fialho ofereceu uma prenda alusiva ao evento, e o homenageado agradeceu, sensibilizado. Por sua vez, o Magnífico Reitor não deixou de pronunciar amáveis e sábias palavras, onde tanto elogiou o ilustre docente como enfatizou o papel de mestres como o Doutor José Ribeiro Ferreira na modernização da Universidade de Coimbra, cujo futuro, sem prejuízo das dificuldades presentes, antevê com otimismo.

FRANCISCO OLIVEIRA

Da Ponta da Madrugada à Ponta do Silêncio
Homenagem ao Prof. Doutor Walter de Medeiros

Uma das qualidades que mais admiro no Professor José Ribeiro Ferreira é a sua constante generosidade, que sempre partilhou e continua a partilhar com os amigos, discípulos e, de igual modo, com os seus Mestres. Foi com esse espírito de gratidão sincera que no ano de 2009 editou *Três mestres, três lições, três caminhos*, na colecção digital Fluir Perene, obra em que presta homenagem aos Prof. Doutores Américo da Costa Ramalho, Maria Helena da Rocha Pereira e Walter de Medeiros. Constituindo, em primeiro lugar, um memorial para as gerações futuras do magistério pioneiro e influente exercido pelos três grandes Professores de Coimbra, esta obra acaba por ser também uma singela homenagem ao trabalho desenvolvido pelos professores e investigadores que se têm dedicado à renovação e divulgação dos Estudos Clássicos em Portugal.

Foi igualmente com este espírito de reconhecida gratidão que este ano editou, na mesma colecção Fluir Perene que criou em 2008, o livro *Da Ponta da Madrugada à Ponta do Silêncio*, com o subtítulo *Memórias e palavras*, em que reúne os textos que o Prof. Doutor Walter de Medeiros publicou no *Boletim de Estudos Clássicos* entre 1986 e 2000, sob as rubricas “Presença do passado” e “A cruz do tradutor”. A importância desta iniciativa louvável não ficaria por aqui, pois o Doutor Ribeiro Ferreira quis